

A FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA PARINTINENSE ⁶⁰

Onan Ferreira da Silva ⁶¹

Fábio Gonçalves Modesto ⁶²

Adelson da Costa Fernando ⁶³

RESUMO: A Folkcomunicação é uma teoria que visa compreender as nuances que somente os mais atentos nas manifestações de cultura popular são capazes de ver. Nas pesquisas, Luiz Beltrão não se rendia aos encantos do folclore, o que lhe permitiu encontrar os desdobramentos, que o ajudaram a entender melhor o campo da Folkcomunicação, como: agente folk, ambiente folk e audiência folk. As manifestações, dentro da Folkcomunicação são carregadas de simbologias e significados, criando particularidades e não se dão de forma aleatória, seja para um indivíduo, seja para a coletividade. Com isso, este trabalho visa apresentar a etnografia da Festa em honra à Nossa Senhora do Carmo, o campo de estudo desta pesquisa. A etnografia é um conceito que dá voz aos habitantes do local da pesquisa e que busca compreender, através da visão de mundo deles, suas experiências. A coleta de dados foi feita no ano de 2019.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Manifestação; Etnografia.

1 A Folkcomunicação na ótica de Luiz Beltrão

A Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão, é uma teoria brasileira nascida no berço da Comunicação Social que visa compreender as nuances que somente os mais atentos nas manifestações de cultura popular são capazes de ver. Muito além do brilho, cores e sons, as expressões das comunidades carregam consigo mensagens – são estratégias comunicativas que o próprio povo elabora para difundir suas ideias, opiniões e, muitas vezes, as pautas sociais.

Na década de 1960, na tese de doutorado, Beltrão defendia sua pesquisa intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”, buscando analisar as manifestações populares juntos aos seus processos comunicacionais em um determinado grupo cultural.

A Folkcomunicação, tal como formulada por Luiz Beltrão e defendida em 1967, é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ligados ao folclore.

⁶⁰ Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular, da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁶¹ Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: onanferreira02@gmail.com.

⁶² Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: fabio.g.modesto16@gmail.com.

⁶³ Professor Doutor no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e orientador desta pesquisa.

Com base nos estudos de Beltrão, podemos notar que a área da Folkcomunicação é complexa. Em suas pesquisas, não se rendia aos encantos do folclore, procurando entender cada detalhe das manifestações populares das classes marginalizadas frente às mensagens culturais. Segundo a Folkcomunicação, as mensagens utilizadas pelos grupos marginalizados não necessitam dos meios convencionais de comunicação (tv, rádio, cinema, internet).

Dentro da teoria brasileira, há desdobramentos que ajudam a entender melhor as pesquisas de Beltrão como: agente folk, ambiente folk e audiência folk. Sustentada na tese de Paul Lazarsfeld⁶⁴ sobre Opinião Pública, Beltrão denominou que nessas manifestações populares continha uma pessoa responsável por transmitir ou retransmitir as mensagens nos processos artesanais do povo. Segundo Toussaint, os líderes de opinião são

[...] os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois as pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante (1992, s/p).

Para que a mensagem do emissor chegue ao grupo, ela perpassa por um líder, responsável por interpretar, até chegar à audiência. Conforme Fábio Corniani, em seu artigo “Afim, o que é Folkcomunicação?”, descreve que

[...] uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. (...) os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência folk (CORNIANI, s/a).

Para Beltrão (1980), “há mensagens profundas contidas nos aparentemente ingênuos textos, falas, artefatos, práticas, ritos e movimentos” que são emitidos pelas manifestações populares por meio de suas culturas. Esses estudos foram fundamentais para a criação da Folkcomunicação, teoria esta que visa entender os processos comunicacionais emitidos pelos grupos marginalizados por meio da cultura popular. Hohlfeldt (2002) aperfeiçoou o conceito relacionado a esta nova área da Comunicação. Ele definiu Folkcomunicação como

[...] o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação

⁶⁴ Paul Felix Lazarsfeld foi sociólogo e educador austríaco-estadunidense nascido em Viena, que se projetou com suas pesquisas sobre comunicação e propaganda, principalmente radiofônica e, por isso, considerado um dos fundadores da moderna investigação de comunicação de massa. Foi um dos fundadores da análise norte-americana sobre os meios e seus efeitos na formação da opinião pública.

massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELDT, 2002 *apud* SCHMIDT, 2006, p. 8).

Ou seja, a Folkcomunicação é uma área da Comunicação Social que busca identificar e entender os significados dos procedimentos comunicacionais utilizados pelas manifestações de cultura popular.

2 PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE PARINTINS: uma descrição etnográfica

Segundo a obra “Os imponderáveis da etnografia religiosa”, de Arlindo Neto e Polyanny do Amaral (2011), a etnografia faz uma reflexão sobre o objeto de estudo dentro do campo de pesquisa, buscando uma “compreensão de processos de interação pessoal, material e imaterial que constituem o campo das relações entre sociedade e indivíduo”.

A festa em honra à Nossa Senhora do Carmo reúne milhares de fiéis em um ambiente que exala religiosidade em todos os momentos do evento, organizado por uma comissão. Nela, há uma aglomeração de pessoas que não se conhecem, mas professam a mesma fé e devoção à Santa.

Pode-se dizer que a cidade vive intensamente durante o clima dos festejos, a todo instante ouvem-se rajadas de fogo, barcos regionais aportam de hora em hora trazendo romeiros dos mais distantes municípios do Amazonas, e a matriz fica tomada durante todos os dias por fiéis e turistas (RODRIGUES, 2006, p. 48).

Dentro das festividades de Nossa Senhora do Carmo há gestos carregados de simbologias e significados, seja para um indivíduo, seja para a coletividade. As interações sociais entre a comunicação e a cultura fazem parte da afinidade do homem com a sociedade e constituem representações simbólicas e visões de mundo diferentes que nos ajudam a entender práticas de um grupo. Neste sentido, cada tradição religiosa oferece um sistema simbólico diferente. Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos (...) O comportamento humano é o comportamento simbólico (MERCIER, 1974, p.30).

No cortejo em honra à Nossa Senhora do Carmo é observável os devotos seguirem em caminhada nas ruas por mais de duas horas, em marcha que segue, de forma ordenada e com um centro rigidamente sistemático, onde ficam a santa e as autoridades da Igreja.

Roberto da Matta, na obra “Carnavais, Malandros e Heróis”, nos explica sobre essas deslocamentos da coletividade; no caso desta pesquisa, o destaque é a Procissão, na qual

[...] o caminhar cotidiano é funcional, racional e operacional, pois tem um alvo específico: o trabalho, a compra, o negócio, o estudo. Mas no caminho ritual, ou

melhor, no caminho consciente do ritual, o alvo e a jornada se tornam mais ou menos equivalentes. [...] no caminho ritual, o que se busca no ponto de chegada não é algo concreto, palpável ou, sobretudo, quantificável, pois buscamos bênçãos, curas, sinais de fé etc (MATTA, 1997, p. 105).

Tudo isso quebra aquela rotina que as pessoas têm no cotidiano de trabalho, estresse e conturbações do dia a dia. A procissão é o ambiente onde cada devoto tira um momento para refletir sobre os fatos cruciais do mundo e coloca em centro o divino, procurando respostas para as aflições. De acordo com alguns autores,

[...] a procissão se configura como um momento em que o santo, que está acima de todos, suprime a dicotomia casa/rua criando seu campo social próprio Carregado num andor e mais alto do que os homens, ele fica realmente elevado acima de todos, irmanando os fiéis que, no momento de sua passagem, transferem (muitas vezes com emoção sincera e perturbadora) seus sentimentos de filiação para ele (MATTA, 1997, p.107).

Impera aqui uma redução da complexidade, onde o conhecimento vulgar é o fundamento e a base pelo qual todos compreendem a sua própria vida. Na verdade, mantém-se um diálogo com as privações que a modernidade impõe, mantendo todos silenciados nas crenças “de que há um ser superior que tudo resolve” (FERNANDO, 2018, p. 185).

O momento de emoção acontece com os badalares dos sinos na torre da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, por volta das 17h. Em seguida uma multidão de pessoas toma conta da Avenida Amazonas, seguindo o andor com a imagem da Padroeira dos parintinenses. À frente, estão os coroinhas e, logo em seguida, as pessoas que compõem a congregação dos marianos; vestidos de branco e com uma medalha no peito, presa por uma fita vermelha, seguem as senhoras do apostolado. Logo atrás, os sacerdotes e o bispo conduzem os fiéis.

O que mais chama a atenção nesta manifestação religiosa é a quantidade de promesseiros advindos de várias localidades do Amazonas. Os fiéis pagam suas promessas carregando tijolos nos ombros e nas cabeças ou imagens de representações de santos, caminham descalços ou de joelhos, levam nas mãos objetos como terços, fitas, flores, com o intuito de santificá-los, e crianças são caracterizadas de anjos.

Vale ressaltar que há devotos que chegam horas antes para guardar lugar próximo a imagem da santa, para ao decorrer da procissão pagar a promessa de carregar o andor. Uma maneira de se doar fisicamente e estar mais perto da Santíssima.

Tudo isso tem significado para o devoto, que mantém comunicação com o divino por meio dessas práticas ex-votivas. São formas instruídas que o homem tem em meio aos seus parentes, não são práticas aleatórias [...]. Tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura (LARAIA, 2009, p.51).

Aqui entende-se cultura como um sistema (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que serve para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos



redefolkcom



biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante, conceito difundido por Leslie White, e reformulado por outros autores como Sahlins (LARAIA, 2009, p. 59).

Muitas são as famílias que vão na caminhada e louvam Maria. Nota-se então a transmissão de valores e crenças de geração a geração. Mães, pais e filhos juntos rezam o terço pedindo e agradecendo pelas bênçãos.

Neste caminhar de várias pessoas, muitas delas não se conhecem, mas no ato da procissão, consolidam-se numa multidão de fiéis que irmanam a mesma fé com a Santa. Por meio dessa relação configuram-se em um mesmo grupo criando um elo de proteção e uma identidade cultural, reforçando a ideia de comunidade.

As identidades culturais se constituem e são constituídas pela realidade social, histórica e econômica. É na conjunção destas trocas simbólicas que as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais ou raízes. É na conjunção destes esforços que a comunicação adquire espessura enquanto discurso produtor de sociabilidades, ao mesmo tempo em que as culturas populares mantêm-se como o principal local de produção simbólica como a única capaz de sustentar a condição humana no passado, presente e no futuro (MARQUES, 2006, p. 33).

A Festa de Nossa Senhora do Carmo se torna identidade cultural de um grupo, pois as relações sociais e patrimônios simbólicos, historicamente compartilhados, estabelecem a comunhão de determinados valores entre os membros da sociedade e são observados nas manifestações que podem envolver um amplo número de situações, que vão desde a fala até a participação em certos eventos.

No dia 16 de julho, em Parintins, é instituído feriado municipal, onde as pessoas que participam do evento religioso não trabalham e todos se encontram na igreja, comungando e partilhando da mesma fé. O discurso da festa religiosa, por sua vez, permite abarcar um aspecto de composição social em que o foco é ao mesmo tempo aos valores locais e universais dialogados dentro do rito. Os ritos seriam momentos especiais construídos pela sociedade. São situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, sendo por ele programadas (MATTA, 1997, p. 73).

Na passagem da Santa, nas ruas, muitas casas são enfeitadas com as melhores flores, imagens de santo, iluminação e vale destacar também o zelo de famílias que firmam este comprometimento com Nossa Senhora do Carmo. O sagrado toma conta do lar comum, idealizando uma forma de bênção do lugar, além do fiel entregar o espaço físico da residência, cria também uma intimidade com o divino simbolizando um laço de proteção do lar e da família.

Nessa passagem física e social, as ruas se transformam e ficam diluídas entre elas, como espaço público, e as casas, como espaço de intimidade (MATTA, 1997, p. 108).

Por outro lado, a procissão também nos permite observar neste espaço outra questão. O sacrifício, sendo cedido o corpo para uma experiência espiritual. Nota-se os ex-votos presentes no cortejo como pagamentos de promessas. E sacrificar-se significa basicamente usar o corpo para entrar em contato com o santo. Seguir a procissão, não importando o quanto isso seja difícil, implica esse sacrifício em que o corpo deixa de operar como instrumento de prazer para se colocar a serviço do sagrado (MATTA, 1997, p. 108).

Diversas formas compuseram-se em propagar a fé e agradecer aos milagres concedidos dentro dessa manifestação religiosa, os sacrifícios elencados na procissão foram, por exemplo, carregar tijolos nos ombros e cabeças, andar descalços ou de joelhos, caracterizar crianças de anjos e, também carregar o andor. Nesse sentido, o corpo toma resultados de comunicação com o sagrado e por intermédio do corpo ocorre essa “quitação” do débito. O sacrifício é a outra forma de pagamento de promessa (...), o fiel escolhe o esforço físico, como sua maneira de quitação. Geralmente é o corpo que ele submete ao sacrifício. Na religião cristã os adeptos desse ritual têm no sofrimento de Jesus Cristo a referência para suas práticas (FILHO, 2006, p. 39).

A palavra promessa refere-se a um compromisso/uma ideia de troca (comunicação). E para que esta negociação ocorra, é preciso que o ser humano esteja passando por alguma interferência no ciclo normal da vida. Vários são os relatos de pessoas que estão na procissão, em busca de respostas, que não são encontradas no plano terreno; então procuram uma relação com uma instância/divindade para além do visível.

Saúde, emprego, moradia, estudo, casamento. Várias histórias de votos feitos à Santa e diferentes são as formas de cumprir a promessa. É essa devoção e o respeito extremo nos rituais que conduzem os devotos a uma circunstância com o sagrado e evidenciando a utilização de objetos simbólicos para que haja comunicação e eficaz, acontecendo, assim, o feedback nas manifestações religiosas.

Carregar um tijolo, por exemplo, pode ser para um indivíduo representar o agradecimento por ter conseguido uma moradia, em outros casos pode representar exclusivamente o esforço físico como forma de pagar uma promessa. Andar descalço também pode simbolizar vários tipos de pagamentos de promessas: pela saúde de um filho; por um emprego do marido, são sinais que o povo busca para prender a atenção do divino e ceder um milagre.

Os pagadores de promessa são as testemunhas do poder que a Virgem do Carmo possui para a realização de milagres. Os motivos das promessas são variados, como são também as

formas de seu pagamento. As bênçãos da promessa podem ser para quem fez a promessa, ou para terceiros, e o pagamento dela poderá ser compartilhado com aquele que recebeu o milagre.

Na Folkcomunicação, Luiz Beltrão não se rendia aos encantos do folclore, mas procurava entender cada detalhe das manifestações populares das classes marginalizadas, frente às mensagens culturais. Esses grupos utilizam “procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades” (BELTRÃO, 1980, p. 23).

O amarelo e o branco são cores predominantes no evento e os fiéis utilizam nas camisas, flores e bandeiras para louvar à Maria. A cor amarela representa alegria, vida, luz e riqueza, lembra o ouro; por sua vez, a cor branca simboliza a paz, a tranquilidade, a serenidade e a pureza. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 68).

Observa-se que durante o trajeto da procissão, a imagem da Virgem do Carmo tem o poder de “chover” sobre seus devotos e suas residências a abundância, a alegria, a esperança e a paz. Desta forma, espera-se com muita alegria a passagem da imagem da Mãe de Jesus, movimentando uma quantidade significativa de católicos situados na frente das residências e nas calçadas para acompanhar a procissão.

E para que o pedido seja atendido, o fiel faz por merecer a bênção indo aos eventos da programação da igreja católica. Inúmeras são as formas de se aproximar do divino. Em muitos casos, é por meio da oralidade que o pedinte utiliza para ser agraciado.

Muitos são os murmúrios em orações e cantos dos devotos chamando a Santa de “Virgem do Carmelo”, “Mãezinha”, “Santíssima”, reforçando a ideia de extrema familiaridade com a padroeira. A ideia de Mãe surge uma vez que, dentro da igreja, os fiéis comungam ser irmãos de Cristo, filhos de Maria. O fato de termos nossas mães, gera um sentimento de segurança, pois temos o conhecimento de nossas origens e, quando necessário, sabemos para quem recorrer. [...] esses princípios de juízos e raciocínios [...] constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitas, elas existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos diretrizes da consciência, elas próprias inconscientes (LARAIA, 2009, p. 93).

Em cima do trio elétrico, o grupo de louvor da catedral entoava os cânticos tradicionais em celebração à Nossa Senhora, sempre acompanhados pelos milhares de fiéis. As orações se dividem entre a reza do terço com as Ave-Maria, Pai-Nosso e Creio em Deus Pai é o grupo que comanda a festa; que dá o tom necessário para a experiência religiosa; é como se o grupo tivesse

o grande papel de fazer o “céu descer” ou de fazer “transcender o indivíduo aos céus” (FERNANDO, 2018, p. 143).

As canções, por exemplo, têm papel fundamental dentro da procissão. São elas que dão o tom do cortejo religioso fazendo com que os devotos se emocionem, reflitam sobre atitudes do cotidiano e se sintam renovados na fé. Uma composição que enriquece o imaginário do fiel e que permite conhecer, corrigir-se e pedir perdão à Santa durante a caminhada e alcançar a paz espiritual.

Cria-se um ambiente em que os participantes são levados a reconhecer sua condição de pecadores, seus limites, impotências e fragilidades humanas. Todos são incitados a fazer uma retrospectiva e uma análise da sua condição diante do divino, para assumirem uma atitude de dependência e subalternização diante das diretrizes dos deuses e santos (FERNANDO, 2018, p. 137).

Vejamos em seguida alguns trechos de canções significativas que são entoadas na procissão e dão a tonalidade nos processos comunicacionais dos devotos:

1	<i>SOB A BÊNÇÃO DA VIRGEM DO CARMO!;</i>
2	<i>FLOR DO CARMELO, NOSSA ALEGRIA. / SALVE! SALVE, MARIA!;</i>
3	<i>Ó RAINHA DO CARMELO, / TEU DESVELO E PURO AMOR, / DÁ-NOS SEMPRE NESTA VIDA, MÃE QUERIDA DO SENHOR;</i>
4	<i>A DIOCESE EM ALEGRIA/ DEMOS VIVAS DE AMOR. / NOS DÁ A BÊNÇÃO DE MARIA, NOS DÁ A GRAÇA DO SENHOR;</i>
5	<i>Ó VEM CONOSCO, VEM CAMINHAR, / SANTA MARIA, VEM;</i>
6	<i>VEM MARIA, VEM! / VEM NOS AJUDAR/ NESTE CAMINHAR TÃO DIFÍCIL RUMO AO PAI;</i>
7	<i>MÃE, MÃE, MÃE, MARIA NOSSA MÃE;</i>
8	<i>Ó RAINHA DO CARMELO, / TEU DESVELO E PURO AMOR, / DÁ-NOS SEMPRE NESTA VIDA, MÃE QUERIDA DO SENHOR.</i>

Acima, apresentamos pequenos trechos de canções que são repetidamente cantadas nos eventos religiosos que compõem a festa em honra à Nossa Senhora do Carmo. Ao longo de todo o festejo, estas músicas são entoadas com muito vigor pelos fiéis que participam ativamente da programação.

É o momento em que todos deixam de lado suas diferenças e estreitam seus vínculos para ser uma só família, onde obedecem a regras e o povo corresponde com as expectativas da Igreja Católica e dos organizadores da festa.

Os devotos entoam com bastante fervor os cantos e respondem ao grupo de cânticos com as saudações: *Viva Nossa Senhora do Carmo! Viva a Virgem do Carmelo!* Braços são levantados em sinal de louvor, as mãos fechadas representando a proteção, aplausos são constantes e delongados, rostos cobertos de lágrimas, olhos fechados, mãos direcionadas à imagem da Santa evocando bênçãos e, por meio disso, também é feita a comunicação. A

corporeidade, a gestualidade e as expressões diversas dos indivíduos no culto sinalizam para um processo de comunicação entre o mundo real que dá sentido e acesso a um mundo do mistério, ao mundo sacral (FERNANDO, 2018, p. 141-142).

Dessa maneira, após a santa atender ao pedido do devoto, e a realização do prometido, algumas obrigações são importantes no cumprimento da promessa. Para isso existem diferentes maneiras: na Festa de Nossa Senhora do Carmo elas se manifestam através de doações para bingos, alimentos para as comidas típicas vendidas na barraca da festa, fitas e flores para serem presas ao andor da santa, velas, fogos de artifícios.

Na festa, há pagamento de promessas que duram apenas uma vez e outros que duram a vida inteira. Entre os principais motivos que levam a realização de promessas estão: conseguir emprego e moradia, abandonar o alcoolismo e as drogas, reconciliação com familiares, passando por infortúnios - mas a maioria é por motivo da melhora de saúde.

Chegada a procissão na matriz, é o momento que a celebração é presidida pelo bispo da Diocese de Parintins, Dom Giuliano Frigenni, e concelebrada pelos padres diocesanos. Os movimentos e congregações católicas têm uma participação primordial, entre os quais estão os Marianos, coroinhas, Apostolados da oração, grupos de jovens, terço dos homens e pastorais.

Nesse sentido, nas manifestações religiosas, o bispo assume a posição de líder tornando-se representante do divino. E para isso, reconhece-se que Dom Giuliano está revestido de saberes e de qualidades extraordinárias, capaz de manter domínio sobre os outros homens. Deste modo,

[...] assume a tarefa de soldar os laços entre o criador e a criatura, entre o servo e seu senhor [...]. Na verdade, ele funciona como uma espécie de executor das ordens de um Ser Supremo. Isto quer dizer que não é este líder que cura, pois não têm poderes para tal; ele é apenas um representante [...] (FERNANDO, 2018, p. 182).

A Folkcomunicação estuda essa vertente sendo o sacerdote o líder responsável por decodificar as mensagens e retransmiti-las ao grupo dentro das celebrações. O líder comunicador de folk é um tradutor dos grupos marginalizados, pois sabem encontrar palavras e argumentos acessíveis, e que sensibilizam os seus seguidores (BELTRÃO, 1980 *apud* JÚNIOR e NEVES, 2014, p. 106).

Após a caminhada, os fiéis sentem-se revigorados na fé e dispostos a enfrentar a vida cotidiana novamente. Essas práticas, além de dá uma sensação de sustentabilidade do espírito, causa também um sentimento de solidariedade entre a comunidade devota. Por isso é preciso fazer acontecer cultos, ritos e cerimônias periódicas e extraordinárias, nas quais os adeptos garantam a revivificação de sua fé comum, manifestando-se diante de todos, pois o culto favorece a reafirmação dos sentimentos do crente e suas crenças (FERNANDO, 2018, p. 143).

Quase todos os devotos fazem parte da manifestação porque são produtos de promessas. São homens e mulheres que se doam à festa confiante na religiosidade, por intermédio da santa. Portanto, pela riqueza e complexidade de tal manifestação, tais ações se tornaram o foco principal nesse estudo, sob a perspectiva da Folkcomunicação.

3 Considerações finais

A Festa de Nossa Senhora do Carmo de Parintins tornou-se um evento de grande participação dos devotos da Santa. A cada ano que passa, o número de promesseiros cresce. O que contribui para este crescimento são os relatos de pessoas que solicitam bênçãos à Ela e, sendo atendidos, curvam-se a imagem da Santa e pagam a promessa, no cortejo religioso.

Apresentamos neste trabalho a etnografia da Procissão, uma vez que, neste evento, há várias formas de praticar o ex-voto, seja ele apenas uma vez ou por mais tempo, de acordo com o pedido de cada pessoa.

Porém, em Parintins, o pagamento de promessa ganha criatividade devido ao fato da cidade ser terra de artistas – aqui, salienta-se as decorações de casas e lojas, de oratórios, a grande imagem da Romaria das Águas na balsa, os shows pirotécnicos, a pintura de muros, a caracterização de crianças vestidas de anjo, o próprio Andor que leva a imagem de Nossa Senhora do Carmo e os cantos.

No mês de junho, há a disputa dos bumbás Garantido e Caprichoso, na Arena do Bumbódromo. Mas, passado este período, onde se tem a escolha de lados da ilha, que brota a rivalidade de torcidas, dar lugar a união de todos a fim de comungar na mesma fé católica, cantando e louvando à Santa Padroeira da Ilha Tupinambarana.

A utilização da etnografia fez-se necessário para que abrissemos os olhos e pudéssemos mergulhar na festividade e conhecer cada elemento presente, as ações tomadas, as gesticulações mostradas, as histórias por trás dos pagamentos de promessas etc. Além desta conceituação, o trabalho foi embasado na teoria criada por Luiz Beltrão - a Folkcomunicação –, visto que a mesma busca compreender as manifestações, pois ela não se dá de forma aleatória. Há todo um processo para a concretização, entendimento e realização deste evento.

A Folkcomunicação ainda é uma teoria pouco conhecida nas universidades públicas espalhadas pelo Brasil. Cabe a nós, pesquisadores da área, apresentar a teoria e mergulhar no universo das manifestações da cultura popular, no intuito de conhecer e entender o método que são adotados para comunicar e expressar opiniões e ideias. Há mensagens presentes em cada ação nas mais diversas formas de manifestações folclóricas e culturais.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

BONITO, Marco & CORNIANI, Fabio. **Folkcomunicação e Orkut**: os culturalmente marginalizados. Intercom (XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação): Recife, 2016.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** São Bernardo do Campo (SP): Sítio da universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: <www.metodista.br/midiacidada>. Acesso em: 25 de março de 2007.

EX-VOTO. IN: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>>. Acesso em: 04 de abril de 2018. Verbete da Enciclopédia.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Nas teias do comunitarismo carismático católico**: uma análise sociológica da Comunidade Vida Nova em Parintins/AM. – 2018.

FERREIRA, Talita Sibeles Melo; CRUZ, Jocilene Gomes da. **Festa de Nossa Senhora do Carmo de Parintins/AM**: Celebração da fé e Turismo Cultural. Publicado em: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (Semintur). Turismo e Paisagem: relação complexa. Universidade de Caxias do Sul (RS), 2012.

FILHO, Sebastião Faustino Pereira. **Promessas: contrato individual e social com seres superiores**. In: Folkcom. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. – Teresina: Halley, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. - 24., [reimpr.] - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

LAZARSELD, Paul. **Os Meios de Comunicação Coletiva e a Influência Pessoal**. IN: Panorama da Comunicação Coletiva. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1964.

MARQUES, Francisca Ester. **Comunicação, Identidade e Cultura Popular**. In: Folkcom. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. – Teresina: Halley, 2006.

MERCIER, Paul. **História da antropologia**. Rio de Janeiro, Eldorado. 1974.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. - 6ª ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 31 de março de 2008.

_____. & FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. 1 ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

____ (org.); GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima.

FOLKCOM. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. - Teresina: Halley, 2006.

MODESTO, Fabio Goncalves; SILVA, Onan Ferreira da. "**Sob as Bênçãos da Virgem do Carmo": o ex-voto na perspectiva folkcomunicação.** In: XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação - Parintins - Amazonas, 2018. Disponível em:

<<https://www.doity.com.br/anais/folkcom2018/trabalho/54482>>. Acesso em: 31 out 2018.

NETO, Arlindo de Souza & DO AMARAL, Polyanny Lilian. **Os Imponderáveis da Etnografia Religiosa:** uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião.

Publicado em: MNEME – Revista de Humanidades (Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) (Jan/jul - 2011). Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

NEVES, Soriany Simas (org.). **Folkcomunicação no Amazonas:** processos midiáticos contemporâneos da cultura popular. – São Paulo: Scortecci, 2014.

RODRIGUES, Allan S. Barreto. **Boi-Bumbá: Evolução** – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. – Manaus: Editora Valer, 2006.

SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global:** Avanços Teóricos e Metodológicos, São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **O ex-voto como veículo de comunicação popular.** In: SCHMIDT, Cristina (Org.). Folkcomunicação na Arena Global: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo. Ductor. 151-163.